

UMA HERANÇA RUIDOSA: O MAIS AINDA E O MITO DE ORIGEM NA CULTURA DO MAL-ESTAR

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Bom dia.

Quero agradecer a todos pela presença, nessa manhã de sábado, aos colegas da comissão organizadora do Entretantos II, às colegas com quem tenho o prazer de compartilhar essa mesa, e à Claudia Dametta, nossa assistente, sem a qual boa parte dessa organização teria sido bem mais trabalhosa.

Saí daqui no final do primeiro dia do Entretantos II com um leque de sinuosas inquietações, rememorando, revisitando e revendo, ainda que imaginariamente, naquela noite, e em alguns momentos do dia seguinte, vários dos micro e macro acontecimentos vividos ao longo do dia, em cada um dos atos e das cenas em que pude estar presente. Algumas coisas me chamaram a atenção e trouxeram uma livre associação relacionada ao poeta carioca - Affonso Romano de Santana, que num de seus poemas, talhado nos dias de Ditadura Militar no Brasil, diz, mais ou menos, o seguinte:

“Debaixo de minha mesa
Tem sempre um cão faminto
Que me alimenta a tristeza.
Debaixo de minha cama
Tem sempre um fantasma vivo
Que perturba, que me ama.
Debaixo de minha pele
Alguém me olha esquisito
Pensando que eu sou ele.
Debaixo de minha escrita
Há sangue em lugar de tinta
E alguém calado que grita”.

Parte das inquietações que insistiam em retornar dizia respeito às trabalhosas relações entre as macropolíticas de Estado, bem descritas e presentes em alguns trabalhos apresentados, e as micropolíticas familiares e/ou Institucionais, que agindo silenciosa e quase invisivelmente, seguem se impondo e sendo, permanentemente, praticadas na troca entre os sujeitos políticos e institucionais que todos somos na cultura do Mal-estar.

As macropolíticas das instituições de Estado, lamentavelmente como sabemos, quase não nos representam mais, e angustia pensar que, em alguma medida, isso

reverbera sobre todas as demais, ainda que seja importante também reconhecer que, apesar da enfadonha correção do estado burocrático, alguns ganhos tenham sido conquistados em alguns setores públicos, nos últimos anos, como a prestação de serviços de referência, cada vez mais acessíveis, e melhor prestados a, ao menos uma parcela significativa da população, ainda que neste momento estejam ameaçados de continuidade pelos próximos vinte anos com a PEC 241 em votação.

A liberação e a emancipação do direito ao exercício das sexualidades se expandiu, criando possibilidades alternativas, nunca tão expostas e discutidas, revolucionando os costumes, alterando as relações erótico - afetivas, com o apoio das mídias, das pesquisas científicas e do reconhecimento dos movimentos: GLBTTS, das feministas, dos jovens nas ruas, nas escolas e nos costumes, sustentados coletivamente pela desqualificação dos regimes e modelos sócio políticos, uniformes e totalitários, as verticalizações excessivas das diferenças sócio – econômicas e, sobretudo, das unanimidades vazias; que apesar dos deslizos e possíveis cacoetes, parece comprovar ser cada vez mais raro no país o uso do antigo bordão - “você sabe com quem está falando?” e que quando ocorre, não deixa de carregar implícito um “certo ridículo” imediato.

Fui embora do primeiro dia do evento pensando sobre como apreender, organizar e traduzir, ao menos em parte, o vasto conjunto de elementos e conteúdo dos – “não representados” (aquilo que ainda não tem representação) e dos “transitivos” (a percepção do que acontece no encontro – desencontro entre dois, sem que seja nomeado ou reconhecido), que circulam entre nós, e entre tantos, no interior das instituições que frequentamos, ou mesmo fora delas, sabendo-nos responsáveis e, ainda que parcialmente, suportes, de ao menos uma parcela de transmissão das leis, dos Ideais, dos valores, de certa ética e de uma estética das relações, que seguem sendo ancorados, suportados e transmitidos no interior da linguagem, a cada vez que nos comunicamos.

Como são transmitidas e perpetuadas as ideologias que, apoiadas em práticas e em contra práticas, por vezes bastante ressentidas, autoritárias ou simplesmente com fins comerciais, sejam de centro, esquerda ou direita, via usos e abusos de poder, e por vezes escandidas em excessos de: crueldade, cinismo, sadismo e tentativas de dominação, só fazem elevar e promover ainda mais a violência, em suas múltiplas vertentes na Cultura, corroborando a liberação do Mais além, tão próprio à pulsão de morte, ao invés de contorná-la e reduzi-la entre nós?

“O ódio está lá, em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, claro, mas também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, na forma como às vezes olhamos, no tom de nossa voz, em nosso desejo de dominar, em nossa voracidade, na maneira pela qual nos dirigimos ao outro ou pela qual evitamos responder-lhe, no como se não o tivéssemos visto, no suspense em que o mantemos ou na resposta imediata, no ridículo para onde o jogamos, na lama em que chegamos a arrastá-lo, em nossas pretensas gentilezas ou em nossas falsas amabilidades...” (Lebrun, 2008).

O princípio de realidade mostra que segue sendo difícil o convívio entre “as diferenças” e “os diferentes”, porém a utopia fundamental, fiada no princípio de prazer, resiste e insiste em afirmar que o mundo ainda assim é um lugar interessante para se viver e que o desafio continua sendo, junto com ao menos alguns outros, encontrar uma fórmula, minimamente, satisfatória para construir algum saber sobre – de onde viemos, para onde vamos e como investimos hoje para construir o amanhã?

Inspirado pelo título de dois pequenos livros de Júlio Cortázar – “A volta ao dia em 80 mundos” – saí também do primeiro dia do Entretantos II com a impressão de que as voltas ao dia, em nossos dias, vão sendo dadas com cada vez maior velocidade, em ritmo frenético e envolvimento num conjunto cada vez maior de atividades; parte delas, seguramente, fontes de muitos estímulos, sensações e “quase pensamentos”, sem que, infelizmente, no mais das vezes, tenhamos o tempo necessário para uma elaboração e apropriação suficientes; “pensar consequentemente”, parece ter se transformado em algo ultrapassado, ou artigo de luxo, cada vez menos praticado e, provavelmente, de onde, o mercado apoiado no consumo, e suas leis tão in - próprias, parece reiterar por muitas vias o seu imperativo: Goza !

A boa notícia é que se estamos aqui hoje é porque ainda há formas de resistência e de não acomodação, conforme nos interroga, cotidianamente, e de seu próprio interior o dispositivo, a instituição e o exercício vivo da psicanálise; a má notícia é que - nenhum de nós está a salvo, isento ou protegido, do que o mercado - edita, dita e reedita.

No âmbito macro temos acompanhado no país, pela imprensa e mídias em geral, propostas de mudanças, temerárias e num ritmo ansioso e desordenado, de direção e de rumos, para as políticas sociais, jurídicas e econômicas, em mais este complexo momento do Brasil, e do mundo; em que a Lei parece incapaz de nos regulamentar e representar,

deslocada que está de lugar e posição, numa situação intrincada, em que os limites democráticos, e de responsabilidade entre os campos, foram “borrados” e “subvertidos”, entre os poderes “executivo, legislativo e judiciário”, sobrepujados sobretudo pelo “poder econômico”, na medida em que somos submetidos, progressivamente, a uma cada vez mais nociva e, por que não dizer, tendenciosa - “imprecisão simbólica”, regida e ditada pelas Leis do Consumo ou, como tem se tornado jargão – as Leis do Mercado.

Numa cultura saturada de signos de “mais valia” e na qual a tendência é que tudo se transforme em “mercadoria”, como resistir e, simultaneamente, manter-se vivo, ativo, interessado e desejante, com o foco voltado ao benefício do Coletivo, e não somente à sua usurpação, ainda que isso sacrifique, em algum ponto e em alguma medida, parte dos interesses individuais, e por vezes, “explicitamente” narcísicos?

A conflituosa e permanente disputa pelo falo nas relações entre “quase iguais” e suas singularidades, seja entre os indivíduos, os casais ou os grupos, inclusive os profissionais, têm produzido uma zona de desconforto larga, ampla e generalizada, entre nós, cujo convívio parece só se dar em clima elevado, e permanente, de tensão, regado à por vezes transbordante irritação, num convívio cada dia mais exigente e trabalhoso, e no qual a naturalização de pequenos, ou grandes golpes, de uns sobre os outros, pessoais ou coletivos, e em questões cada vez mais comezinhas, nos atingem em alta frequência.

Em 1927 Freud sugeria no *O Futuro de uma ilusão* que “a civilização abarca, de um lado, todo saber e capacidade que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e utilizá-la em benefício próprio e, de outro lado, todas as normas necessárias para regular os vínculos recíprocos entre os homens. Essas duas direções não se dão separadamente, mas antes se determinam reciprocamente, pois o laço social é profundamente influenciado pela satisfação pulsional que os bens existentes podem proporcionar. Além disso, o ser humano pode ser tomado pelo outro como objeto a ser usado e explorado tanto como força de trabalho quanto como objeto de gozo sexual. E finalmente, todo indivíduo é virtualmente um inimigo da civilização, e a civilização deve ser protegida contra os indivíduos, e suas normas, as instituições e os mandamentos cumprem essa tarefa”.

Como dissemos antes, as liberações sexuais avançaram e com elas o descolamento da masculinidade e da feminilidade, dos liames da anatomia como Destino, na medida em que a sexualidade vai sendo revisada através da, e na, linguagem, contando cada vez mais

para isso com a ciência e os artifícios das leis. Ainda assim, muito das posições subjetivas - ser homem, ser mulher – parecem ter avançado menos do que se esperaria.

Pela manhã ao comprar pão numa padaria próxima de minha casa ouço uma conversa entre as duas moças que atendem no balcão, visivelmente religiosas e “protestantes” dizendo uma à outra: “eu não, nem Deus agradou todo mundo, por que eu tenho que agradar”, ao que pensei: “puxa, olha que interessante, elas são da igreja e o discurso lá agora também passa a ser esse, algo está mudando”; a surpresa durou poucos segundos ... no minuto seguinte a mesma “filósofa popular” diz sorrindo: “eu hem, eu quero é arrumar um velho pra pagar as minhas contas, é só isso que eu quero”... As mudanças são lentas e uma coisa é falar sobre o pão, uma outra é ter como pagar por ele...

O ódio, mais do que um sentimento ou uma manifestação de explosão violenta, é um fato de estrutura: temos ódio e ele sempre aparece quando falamos – “o indivíduo é um inimigo da civilização”, propôs Freud, pois a civilização nos impõe sempre um gozo a menos, uma falta, uma restrição, e a isso respondemos com ódio. (Fleig, 2008)

“O mito fundador está para a cultura assim como o mito individual está para o sujeito: uma palavra fundadora de identidade” (Cecarelli, 2012).

Um conjunto de políticas voltadas a atender aos interesses do coletivo social ou, essencialmente, aos próprios interesses, singulares e pessoais? Esta parece ser uma parte fundamental da questão que vivemos atualmente na relação com os aparelhos de Estado e, por que não dizer, com os aparelhos psíquicos.

Seja como psicanalistas seja como cidadãos deparamo-nos, diariamente e desde áureos tempos, com o sofrimento resultante dos riscos psíquicos enfrentados na nossa relação com o instituído e com as instituições, algo que gera conflito, desafia e instabiliza, permanentemente, toda e qualquer singularidade, individual ou grupal, e de cujo ferimento narcísico, provavelmente, jamais nos curaremos, completamente, ao longo de toda uma vida.

Quais os mitos envolvidos na fundação das Instituições, o que as concebe, e o que faz com que em torno delas, ao menos alguns se reúnam, mesmo que a seguir com elas rompam, integral ou parcialmente? O que nelas - nos identifica, aproxima e mantém reunidos, e o que irrompe, fragiliza e distancia, nos movimentos, esperados e repetitivos, cada vez mais frequentes entre - inconstâncias, inconsistências e des identificações?

Numa cultura em que o ritmo é cada vez mais acelerado, múltiplo e diverso, e em que as políticas de constituição de sujeito, priorizam, progressivamente, como balizador o direito ao consumo individual, em detrimento de políticas afetivo - sociais e cidadãs, como devolver ao sujeito psíquico, e em permanente constituição - o que lhe é próprio, e de singular responsabilidade, numa relação sustentável e em comunhão com os demais?

Como reconstruir pontes entre os direitos erótico – afetivos, singulares, enlaçados pela cidadania, numa cultura em que, paradoxalmente, os índices de Mais valia se mensuram pelos excessos do consumo de luxo, índice de diferencial, emoldurados pela exposição extremada das imagens e da intermitente visibilidade, agora contabilizada pelo número de “likes” no Facebook ou WhatsApp?

Segundo alguns autores parece que a mutação do laço social tem demonstrado - como passamos de um funcionamento representativo e consistente, ainda que incompleto, e baseado na exceção do - Ao menos um, fundador da ordem (totem e tabu – mito de fundação da instituição e da constituição do sujeito) para um modelo, em que pretendendo - se completo, e sem exceção, carregaria em seu bojo, como um “cavalo de Troia” uma inconsistência avassaladora: algo próximo de “O Cidadão como Consumidor”.

A mudança no regime simbólico parece vir perturbando as referências asseguradas pela tradição e algo como um certo - “democratismo” - estaria nos fazendo supor que a queda dos protagonistas, que figuravam enquanto Terceiros (Deus, Rei, Pai e outras representações afins) implicaria no desaparecimento das Terceiridades; como se fosse possível abolir toda e qualquer diferença, inclusive as reguladoras e capazes de balizar e impedir - a destrutividade do Gozo pleno ... as atuações do Mais além.

A linguagem já nos impôs e com alguma precisão - o lugar de exceção, para o bom funcionamento de suas leis, entretanto, uma certa confusão atual entre: as lógicas de consumo, a queda do patriarcado e uma queda de consistência, inclusive da posição de exceção, parece estar determinando efeitos múltiplos sobre os processos de subjetivação, refletidos no sujeito social e nas novas economias psíquicas às quais temos sido sujeitos na pós-modernidade.

Para concluir compartilho uma matéria do Caderno 2 do jornal O Estado de São Paulo (de 21 de outubro de 2016) na qual a chamada diz – “*SPFW pode estar próxima da favela, afirma Emicida*”.

Na referida matéria o famoso cantor de Rap, em conjunto com um irmão e um estilista, lançam uma nova marca de roupas, visando uma ponte inclusiva entre o mercado ‘fashion’ e a favela, sob a alcunha - “É nós”, com a qual propõe comercializar, inclusive pela internet, peças como camisetas a R\$ 69,90 e moletons a R\$ 209,90.

Na ausência de outro Ideal, a partir do qual seja foco o coletivo, utilizam-se senhas – consumo para todos, que, aparentemente, valem e permitem, acesso a um gozo suposto - sem limites, eliminando, paradoxalmente, o que torna - o sujeito singular, e o que lhe poderia prover de alguma - consistência de si.

Nesse mundo “completo”, sem lugar para a “exterioridade”, incapaz de vetorizar – “a existência” e “o ódio”; sem lugar para o vazio, ou para o furo no Outro, ao qual possa ser dirigido, vemos emergir o ódio sem endereçamento; sem possibilidade de elaboração ou transformação em algo “consistente” e “significativo” na, e para a, Cultura.

O ódio não vetorizado, penetra em toda parte e não está em parte alguma. Restam apenas administrá-lo na recusa do conflito e na proliferação do ódio ao ódio. Assim explodem os ataques às figuras que sustentam algum lugar de exceção, e do qual, não por acaso, se esquivam rapidamente aqueles que seriam seus legítimos representantes.

Parece que a ascendência da crença no Direito e na Moeda - simulacro de justiça e de mérito, associado ao declínio do Ideal de Compromisso e/ou Responsabilidade, tem nos transformado e reduzido enquanto - Sujeitos.

A mínima diferença, paradoxal e imaginariamente, parece não mais nos implicar. Seja você homem, mulher, trans ou simpatizante; se vive no jardim Europa ou no jardim Ângela; seja cristão, evangélico, muçulmano ou não religioso, pouco importa, se tem moeda para usufruir: seja bem-vindo!

SP, 29 outubro 2016.

Bibliografia:

- Além do Princípio de prazer. Freud, S. (1920). Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II. [Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns; tradutora Claudia Dornbusch. RJ: Imago Ed., 2006.
- Psicologia das massas e análise do seu. Freud, S. (1921) – tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. – Porto Alegre, R S : L&PM, 2010
- O Futuro de uma ilusão. Freud, S. (1927) – Id.
- O Mal-estar na cultura. Freud, S. (1930 [1929]) – Id.
- A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos/ R. Kaës... [et al.]; tradução Joaquim pereira Neto.- SP: Casa do Psicólogo, 1991.
- O futuro do ódio / Jean-Pierre Lebrun; organizador Mario Fleig; tradução João Fernando Chapadeiro Corrêa. Porto Alegre: CMC, 2008.
- O Cidadão Como Consumidor: considerações sobre a invasão da política pelo mercado. Wolfgang Streeck. Revista Piauí. No. 79 (abril 2013).
- Gozo / Nestor Braunstein: tradução de Monica Seincman. – SP: Escuta, 2007.
- Feminino / masculino. Maria Cristina Poli. R J: Jorge Zahar Ed., 2007
- A identidade cultural na pós-modernidade. Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- Complexo de Édipo, superego arcaico e identificação projetiva. Maria Elisa de Ulhoa Cintra. Aula de 07 de agosto 2013. Curso de pós-graduação PUC/SP.
- Os incêndios do nada. Helio Pellegrino. Artigo publicado na Folha de São Paulo, caderno Folhetim de 15/08/2012.